

O INIMIGO

Enfim um jornal anarquista
Outubro/Novembro de 1987. N.º 21. Cz\$ 20,00.

DORÊI

OS ANARQUISTAS E A REVOLUÇÃO RUSSA

Págs. 3,6e7



Secundaristas nem tão revolucionários assim Pág. 10

Núcleos pró-COB querem o pluralismo sindical Pág. 11

Educação: mandar e obedecer?

Pretendemos analisar, de forma sintética, a situação educacional, colocando-a como um dos pontos de partida para a efetivação da revolução social.

Segundo Bakunin, a classe hegemônica tem acesso a uma "maior escolaridade que as classes menos favorecidas", fato que ajudará a manter e aumentar sua já grande dominação em todos os campos da sociedade.

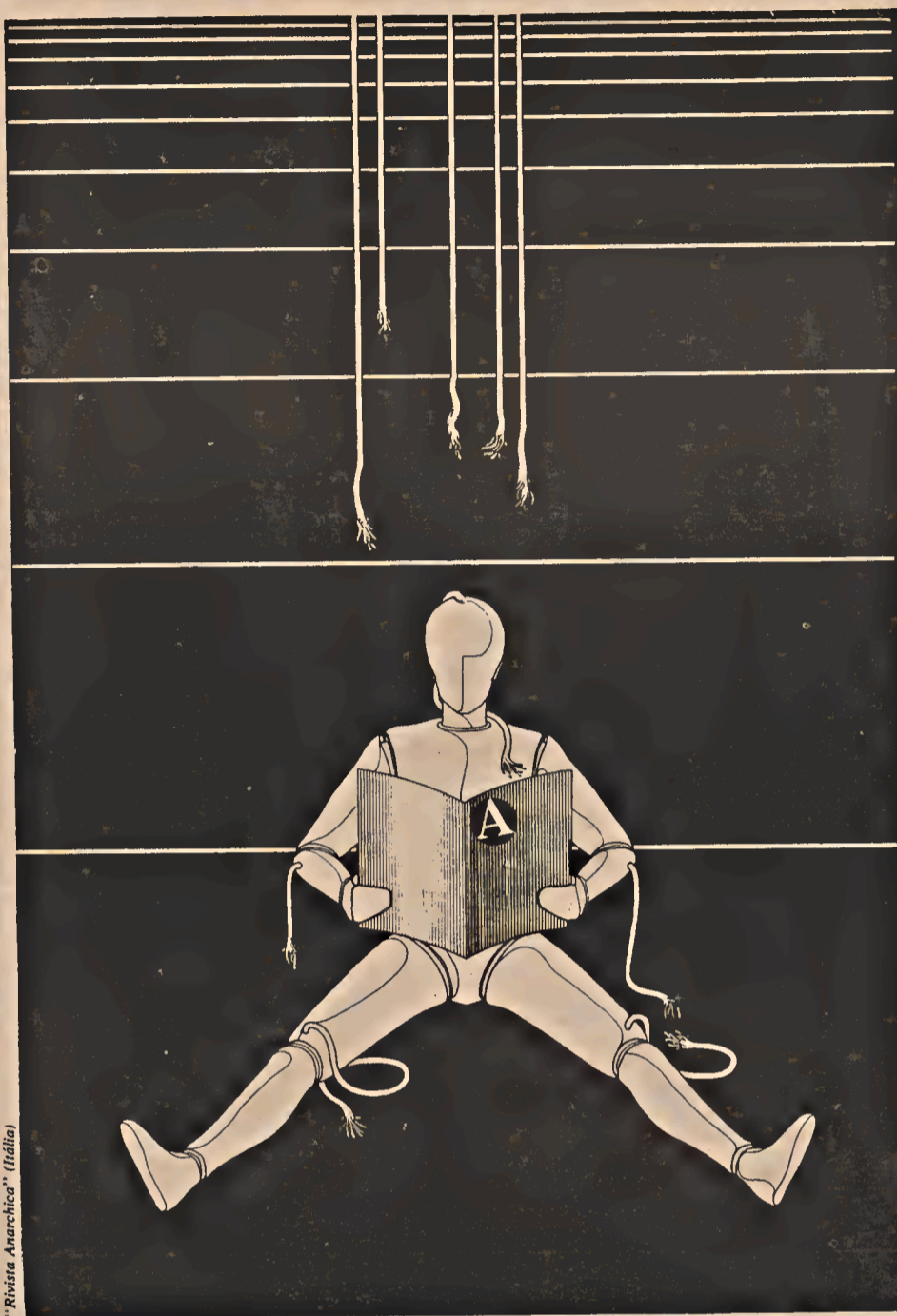
Para as classes menos favorecidas, é dada uma mínima instrução, sustentada pelo Estado, que através da repressão em todos os níveis, a leva ao referendo da autoridade e da obediência.

Enquanto a maioria da população aprende a obedecer, uma pequena parte da sociedade, através de seus privilégios sócio-econômicos, tem as condições necessárias para, através do processo educativo, aprender a dominar. O aprendizado da dominação será sempre feito em escolas, na maioria das vezes pagas, onde o aluno é levado a saber pensar e com isso exercer sua dominação, ao passo que, nas escolas de instrução pública, o aluno é levado a aprender fazer — ou seja, tem uma mínima instrução para melhor operar as máquinas que produzem o "progresso" do sistema.

Todo esse processo reforça a imagem de que na sociedade devem existir pessoas capacitadas a pensar e outras capacitadas ao trabalho manual, fazendo crer que nenhum operário tem capacidade para desenvolver o trabalho intelectual, sendo este privilégio de uma minoria.

Pensando-se assim, escamoteia-se toda a preparação que estas minorias tiveram para estar onde estão, visto que esta classe possuía tempo e dinheiro disponíveis para aprofundar seus conhecimentos, enquanto o operário, para manter sua família, ocupa todo o seu tempo com o trabalho, não tendo condições de aprimorar sua instrução.

O que se desconsidera neste pensamento é que a diferença da capacidade intelectual, entre as diversas classes, é mínima, ou mesmo nula. Bakunin, ao refletir sobre o tema, diz: "Acontece muito freqüentemente um operário extraordinariamente inteligente ser forçado a calar-se perante um sábio idiota que o bate, não pela inteligência, porque não a possui, mas pela instrução, de que o operário foi privado, e que ele pode receber, porque enquanto sua idiotice se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário vestia, alojava, alimentava e fornecia-lhe todas as coisas,



"Revista Anarchica" (Itália)

professores e livros necessários à sua instrução".

Será também esta minoria privilegiada que terá a função de produzir a ciência e as artes, ajudando a distanciar, cada vez mais, esses conhecimentos da classe proletária.

Partindo do ponto de vista da classe hegemônica, a ciência está a serviço e ao alcance de todos. Sendo a ciência produção exclusiva da classe dominante, ela reflete as suas aspirações, tentando passar sua visão de mundo, como sendo uma verdade absoluta, um exemplo a ser seguido por to-

dos, independentemente de sua condição social.

Na mesma situação encontra-se a produção artística, cujo campo só pode ser ocupado por renomados personagens da sociedade burguesa, cabendo à produção cultural e artística das outras classes, a qualificação, num tom pejorativo, de arte popular. Cada vez mais, toda a sociedade vai tomar como exemplo o mundo burguês, tendo-o como ideal de vida. Ao aceitar e defender o mundo burguês, o operariado tem a ilusão de que com seu trabalho conseguirá alcançar os privilégios que detém a

classe burguesa, que por sua vez afirmará ainda mais seu poder na exploração do trabalho braçal.

A divisão da sociedade entre aqueles que exercem o trabalho manual e o trabalho intelectual é uma das maneiras de se manter a dominação, pois enquanto alguns privilegiados pensam a sociedade, outros a constroem.

QUEM DETÉM O PODER, DETÉM O SABER

Boa parte das diferenciações sociais são produzidas por diferentes educações. Diferentes porque a instrução recebida pela classe operária, apesar de "gratuita", é mantida pelo Estado, que a passa de acordo com os interesses da classe burguesa, já que esta se constitui no seu sustentáculo.

Isto vem reforçar a exigência de maior grau de escolaridade e/ou conhecimento para o exercício de certas atividades. Esse mecanismo funciona mais ou menos assim: a classe dominante exige, para o desempenho de qualquer trabalho não-braçal, um certo nível de escolaridade, porém esta mesma classe não permite à maioria da população o acesso à escolaridade exigida, determinando que quem detém o saber, detém o poder.

TODA A INSTRUÇÃO PARA AS MASSAS

Esse sistema que ajuda na perpetuação da classe burguesa no poder só se romperá quando houver "toda a instrução para as massas", ou seja, quando todos tiverem acesso ao mais "alto grau" de escolaridade. Para que isso aconteça, é preciso que os benefícios e a compreensão da ciência estejam ao alcance de todos, a fim de que todos possam exercer, tanto o trabalho manual, quanto o trabalho intelectual, possibilitando, assim, uma sociedade autogestionária, onde todos podem agir e pensar livremente.

Para reafirmar essa posição, terminamos o artigo com outra frase de Bakunin: "Devemos rejeitar e combater a ciência burguesa do mesmo modo que devemos rejeitar e combater a riqueza da burguesia. Combatê-las e rejeitá-las no sentido de, ao destruir a ordem social que delas faz patrimônio uma e outra classe social, as reivindicar como bem comum de todo mundo".

Elton Luiz Barz
Odair Stalchmidt Junior
(Órgão Asno—Curitiba)

O INIMIGO DO REI

"O INIMIGO DO REI" é uma publicação da Editora e Livraria "A" Ltda. (CGC/MF 14727671/0001-63), Caixa Postal: 2540, Salvador, Bahia, Brasil. CEP 40.021.

Se Você tem interesse em Anarquismo, procure-nos, em Salvador, no Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista (CDPA), Praça da Sé, Edifício Themis, 5.º andar, Sala 505, ou então escreva para a Caixa Postal 2540, CEP 40.021, Salvador, Bahia, Brasil.

Nós respondemos a toda e qualquer carta.

Capa: Carlos Rodrigues
Composição: WJ — Fotocomposição Ltda. — Tel.: 240-9043
Impressão: Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65 — Tel. 221-2772

IMPORTANTE: a Editora e Livraria "A" Ltda. não se responsabiliza pelos artigos assinados, sendo o conteúdo de responsabilidade de quem os escreveu.

Endereços libertários

Se você quiser entrar em contato com entidades libertárias, escreva para:

**"Coletivação" — Caixa Postal: 02-266, Brasília (DF), CEP 70.001.

***"Gajo" — Caixa Postal: 68.003, Rio de Janeiro (RJ), CEP 21.944.

****"Centro de Cultura Social" — Caixa Postal: 10.512, São Paulo (SP) CEP 03.097.

****Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista — Caixa Postal: 2540, Salvador, Bahia, CEP 40.021.

*****Coletivo de Porto Alegre — Caixa Postal: 5.036, Porto Alegre (RS), CEP 90.041.

*****"Órgão Asno" — Rua Maranhão, 1579, ap. 32, Portão, Curitiba (PR), CEP 80.310.

Adeus Marx

O fato de uma filosofia ter tido muitos adeptos num certo período da História não quer dizer nada. Muita tolice tem legiões de idiotas atrás. O protestantismo está aí e o catolicismo também.

Fazer uma tolice ser aceita é um paciente trabalho de pregação e o aproveitador de circunstâncias históricas para conquistar o poder. Como a Igreja e marxistas fizeram. O povo em geral aplaude quem está no palanque. Lula, o Papa, Michael Jackson, Lenin e os esquecerá em 5 minutos.

De fato, a grande maioria quer viver para si. Ganhando dinheiro que dê para morar bem, manter seus vícios. Comer gostoso, trabalhar o mínimo e ganhar muito, comer gente, curtir o que acha interessante; cinema, teatro, praia, futebol show de rock, maconha, pederastia etc.

Não acredito que isso seja superestrutura de alguma sociedade. Não sei também se é do ser humano. Não estou interessado em saber. Contento-me em descrever. Na maioria dos períodos da História a grande parte da população só queria mesmo isso e pronto.

Sendo feitas essas constatações iniciais vamos às dificuldades filosóficas do marxismo que é a minha mania, isto é, a filosofia.

1 — O marxismo é uma forma de idealismo.

Porque Marx tentou fazer uma ortopedia na obra de Hegel, filósofo reacionário, idealista confesso, alemão. Hegel acreditava que existia uma idéia que era dialética, se materializava numa primeira fase e ia se desenvolvendo através do homem e da História. Chama-se a isso em filosofia de panteísmo e animismo sofisticado pela cultura europeia, se o quiserem. Marx, pequeno-burguês intelectualizado, pega a dialética, acreditando ser possível separá-la do sistema de Hegel. Isto é, transformando-a num método de análise da realidade e da História.

Só que tem um problema. Querendo ser realista, o que está na nossa consciência é resultado do que está na realidade, foi obrigado a supor que a matéria é dialética. É uma hipótese. Mas aí Marx montou no tigre e foi obrigado a cavalgá-lo. Tem que ver na natureza as leis da dialética e se pretender científico ao mesmo tempo. A cada descoberta da Física e da Biologia fica mais evidente que essa hipótese é furada. A Termodinâmica, a Física Quântica com o Princípio de Indeterminação de Heisenberg demonstram, de maneira inequívoca, que a Física e todas as demais ciências não indicam que a matéria se comporta



dialeticamente. Consultem os autores acima e o Prêmio Nobel de Biologia Jacques Monod no livro "O Acaso e a Necessidade". É patético o esforço de alguns físicos marxistas para encontrarem dialética ou adaptar as novas descobertas da ciência ao dogma: Poderia citar inúmeros trabalhos científicos que não coincidem com uma visão dialética da realidade. Logo, é idealismo querer supor que as coisas são dialéticas. O ortopedia de Marx não deu certo. Se se quer ser materialista não se pode tirar a essência de um sistema idealista e querer, a pulso, provar, a priori, que as coisas são assim. Produziram muitos sofismas como o materialismo dialético.

Poderia ficar aqui esculhambando mais. Não temos espaço. Já desafiei intelectuais comunistas e fica aqui o desafio público para o debate diante de grande auditório. Toda vez que vieram se despedaçaram. Não vêm mais. Têm medo. Correm do pau. Só querem debater com quem não sabe. Para sofismar e a claqué aplaudir. Fica o convite para o debate. Podem vir com os textos sagrados e tudo.

2 — A Filosofia Política.

O problema é que o socialismo proposto pelo marxismo leva, em verdade, ao poder, uma nova classe.

As propriedades são todas estatais, um grupo (partido comunista) orienta o processo de desenvolvimento das forças produtivas e extrai deles benefícios através de melhores salários e privilégios que todos sabem que existem, a não ser os débeis mentais ou os que estão de má fé.

Ora, quem retira, de uma forma de propriedade dos meios de produção,

benefícios maiores do que o resto da população e diz o que fazer com ela é, de fato, dono. É, portanto, uma nova classe privilegiada. Essa é a infra-estrutura real da repressão, do partido único, da polícia secreta, dos dissidentes, nos países marxistas. A ideologia de classe dominante é a balela do estágio do socialismo (porque baseado em Hegel que via tudo como estágios dialéticos preparatórios) para fazer o povo acreditar que estão sofrendo para construir o comunismo onde as classes seriam abolidas e implantada a autogestão. O estágio preparatório do comunismo é o novo ópio do povo.

Logo, o marxismo é um filosofia política pequeno-burguesa. Porque dentro do capitalismo, a pequena-burguesia intelectualizada chefia e manipula o proletariado para a tomada do poder. Daí gostarem de se organizarem em partidos hierarquizados, para assim garantirem sua predominância em cima dos trabalhadores para implantar esse modelo descrito acima, que é reacionário. Só não enchem isso a massa de manobra e o pequeno-burguês interessado que essa filosofia lhe dê privilégios.

3 — O que ocorreu não foi desvio do dogma.

Daí em todos os locais e épocas em que foi implantado repetiu-se a ditadura feroz contra todos que não o grupo privilegiado que controla os meios de produção estatizados. Na

Rumânia é uma família quem controla tudo.

Reparem bem. Temos sociedades marxistas implantadas na Rússia em 17, na China em meados deste século, em Cuba, na Hungria, na Albânia, no Vietnã, na África. São sociedades inteiramente diferentes, em épocas históricas diversas e circunstâncias totalmente diversas. Só ditaduras, privilégios de classe, mortandade de comunistas que discordam do grupo dominante, campos de concentração, realismo socialista.

Ora, se não aplicaram Marx como



ele é, meu caro sofista de mesa de bar, então o marxismo tem tantas possibilidades de ser aplicado errado, de se tornar um "desvio", que é perigoso se confiar no seu instrumental teórico como "guia" das massas para destruir o capitalismo e instaurar o socialismo. Não comento Nicarágua, "Glasnost" porque me dou ao respeito de não me preocupar com propaganda política de classes dominantes estatais.

Repito: estou disposto, diante de um grande auditório (mesa de bar não tenho tempo), discutir todas essas coisas e muito mais. No mínimo é muito divertido se desmacarar pequenos grupos sequiosos de poder. E para lhes complicar a vida, sou anarquista, isto é, voltado para a verdadeira construção do socialismo com a socialização dos meios de produção e a implantação da autogestão generalizada. Logo não vão poder dizer, por mau caratismo, que recebo dinheiro da CIA.

Ricardo Líper
(CDPA — Salvador)

Desabafo anarquista de 7 de setembro

Enquanto milhões de pessoas morrem de fome (eu disse de fome!!) no Brasil e no mundo, o bigode renitente do Zé Sarnei, seguido por seus pupilos fardados, assistiram a um verdadeiro espetáculo: armamentos bélicos, tropas militares, a politicagem oficial... num rompante desfile militar fazendo inveja a qualquer saudosista dos anos trinta. Sim, uma manifestação fascista!! E o que mais me doía era ver aquela multidão de fodidos, ovelhas à beira (?) da inanição, com bandeirinhas verde-amarelas a saudar seu führer!!

Quem pode dar outro adjetivo a um governo, senão o de fascista, se ele gasta ao menos um centavo do dinheiro do povo com armas, enquanto este morre de fome e miséria?

Mas nesta prisão de concreto armado, apesar de tudo, há quem ainda levante o braço e grite por liberdade. Nem só de merda vive a capital do poder: em frente ao palanque do "grande führer", fizemos uma manifestação antimilitarista. Anarquistas, carecas, punks, HCs, juntos erguemos uma faixa que dizia "mais armas, mais fome", além de bandeiras anarquistas e do recém-fundado núcleo pró-C.O.B. (Confederação Operária Brasileira) de Brasília.

Era enorme o número de policiais (fardados e à paisana) que não tardaram a nos reprimir. Depois que nos tomaram a faixa e as bandeiras (evitaram nos prender no intuito de não haver tumulto), passamos a protestar aos gritos mas nossos brados se perdiam na multidão que aplaudia aqueles que lhes desgraçam a vida. O espetáculo era-nos deprimente! Até quando? Por quanto tempo teremos que assistir a uma cena de tal natureza? Não sabemos. Mas não perdemos a esperança. Mantemos acesas as chamas da revolta, da luta pela liberdade do homem.

E continuaremos protestando contra toda forma de opressão. Queremos que as pessoas se toquem do quanto elas estão fodidas e do quão necessário é que elas se organizem e assumam a sua parte nesta luta. E a luta de que falamos é luta de verdade. Já é hora de aprendermos que pelo voto nada se conseguirá de substancial. É preciso que nos unamos e partamos para a ação direta, a ação sindical, a propaganda revolucionária, o boicote, a desobediência civil, a sabotagem...

Somos contra todos aqueles que impedem a plena libertação dos homens: os governos, o patronato, os militares, a família nuclear burguesa, a igreja... e todas as doenças que estas nos causam. E a maior delas é o patriotismo. Que espetáculo horrível ver aquela multidão de fodidos com bandeirinhas verde-amarelas nas mãos, e na boca — além do gosto amargo da fome — palavras carinhosas àqueles que os tiram a condição humana cotidianamente!!

Para nós, socialistas libertários, e, antes de tudo, seres humanos, não existem pátrias. Existem pessoas de culturas diferentes, de formas diferentes de ver a vida, espalhadas pelo mundo...



Os "punks" e outros grupos libertários denunciaram a farsa da "Independência"



Os anarquistas protestaram: querem saber onde está a Independência.

Somos cidadãos do mundo. Fazemos parte da humanidade. Não somos brasileiros, argentinos, americanos ou chineses, somos seres humanos. E temos em comum querermos a paz, a liberdade, a pluralidade de pensamento e dos modos de vida... Temos todos a certeza de não mais querermos a exploração!! Temos em comum o fato de sermos trabalhadores, produtores, única fonte de riqueza da humanidade. Temos em comum o desejo de acabar com todos aqueles que nos oprimem porque só o que queremos é a felicidade nesta vida passageira!

E quem é que nos vem falar em patriotismo? Justamente aqueles que nos roubam a liberdade! Os governos! E pra quê eles precisam de nos impor esta doença? Para nos dividir!! E as guerras, pra quê servem? Que temos contra os trabalhadores de outros lugares do planeta? Nada!

As guerras não são dos povos, são dos governos que disputam entre si maiores áreas para sua exploração!

Jovens, recusem-se ao serviço militar obrigatório! Não queiram morrer servindo de bucha de canhão para os interesses da burguesia e dos governantes que tanto nos exploram!!

Jovens, trabalhadores, mulheres, negros, índios, homossexuais, "marginais", menores abandonados... A nossa luta não é contra outros povos!!

Nossa luta é contra aqueles que nos impedem de viver!!

Morte aos governos, morte à burguesia, morte aos clérigos, morte aos patrões... morte à opressão!!

Unamo-nos pela liberdade! Porque já é tempo de revolta!!

É o mínimo que um ser humano pode ter nos dias atuais: a revolta!!

É preciso que nos recusemos a votar nas eleições, é preciso que nos recusemos ao serviço militar, é preciso que nos recusemos a pagar impostos... É preciso revolta!!

É preciso que nos organizemos em sindicatos livres e revolucionários (não nestas bostas da cut e cgt), que coloquemos rádios, TVs e jornais piratas, que fundemos centros de cultura independentes da massificação estatal e privada, escolas libertárias, associações de moradores, movimentos de desobediência civil; é preciso que o povo descubra formas de se armar (porque o estado e a burguesia não nos devolverá nada de mãos beijadas), é preciso que se saia às ruas pichando e fazendo propaganda revolucionária, é preciso que o povo ajude os sindicatos numa greve geral, sabotando, por exemplo, os ônibus, furando seus pneus... É preciso... Sim... É preciso... É preciso não morrer!!

Juntem-se a nós nesta luta pela derubada do sistema capitalista e pela construção do verdadeiro socialismo — o socialismo libertário, a anarquia!!

Sem pátria e sem patrão, fundemos uma sociedade livre, igualitária, pluralista e autogestionária!!

PUNKS, HCs e CARECAS, POR ELES MESMOS

"Viemos para protestar diretamente com o Sarnei para foder com ele (pode colocar isso aí, ô cara)".

"O povo todo se sabe explorado mas ainda vem ver o desfile... Pai, mãe, família...".

"Nossa intenção, ao colocar na faixa mais armas, mais fome foi pra mostrar que enquanto o povo tá morrendo de fome, o país tá investindo o dinheiro, em armamentos".

"Os cidadãos deviam saber, primeiro, o que são os punks, para só depois criticá-los".

"Um grande problema é o do menor".

"O país tá fodido e é preciso a gente fazer alguma coisa".

"Acho que todo mundo devia se recusar ao serviço militar, afinal, as guerras não são nossas".

"Eu me recuso ao serviço militar e peço a quem já tiver lá dentro a desertar".

"Eles gastam uma puta grana só pra nos oprimir (aos punks). Às vezes a gente só tá se divertindo e pronto, lá vem eles baixando porrada...".

"Os jovens de hoje são uns alienados e pensam que saindo bonitinhos e se guiando por jornais, moda, televisão, vão mudar alguma coisa... Eles deviam se preocupar mais com os problemas do mundo, e não se ligar a uma tela quadrada que só mostra besteiras".

Texto: Carlos (Coletivação, Brasília)
Fotos: Sofia (Coletivação)

Independência sem direito de ir e vir: os bobos da corte dançam.

O povo é induzido, seduzido e comprimido em alguns ônibus a ver os militares nas ruas, marchando em homenagem à independência do país (sic... Bom, é o que dizem todos os meios divulgadores). Mas o negócio é que ele, o povo (ou o país, sei lá...) ainda é muito ingênuo. Os governantes o tratam como verdadeiro bobo da corte.

Amanheci na segunda-feira, 7 de setembro, cheia de preguiça. Cheia de sono, mesmo. Mas tinha que sair fora. Levantei, tomei banho prá despertar, café e fumei aquele baseado com um amigo. O dia nublado, mas quente, pareceu tão preguiçoso quanto eu. Saí. Na primeira parada, mil pessoas — Hiiii, ônibus lotado, NÁAAO! Mas foi. O primeiro, terrível. Na porta dianteira, policiais pendurados asseguravam a "tranquilidade" da viagem. Na porta do povão, cachos de homens e mulheres, mais aqueles que estas, equilibravam-se numa dança meio estranha, desumana. Fodida, melhor falando. O segundo, o terceiro, o quarto ônibus passou em condições não menos deploráveis. Desci à beira-mar, na intenção de me transportar mais saudavelmente.

Ledo engano. Também lá havia multidão buscando transporte tão desesperadamente quanto eu. No mínimo, meia hora em mais essa parada. Que merda. Tanto tempo pra chegar a uma distância que em vinte minutos se faria numa boa, caso as condições de transporte fossem normais. Comecei a notar algumas trapaças.

Todos estavam ali tentando chegar ao centro da cidade prá dai, noutra ônibus, seguirem até os diversos subúrbios. E, porque o desfile, de militares e coisas afins, deu-se na "zona chic da city". Porém, assim como mero acaso, os ônibus mais baratos eram os mais lotados — ou melhor, mais superlotados — e circulava-se em carros velhíssimos. Fato inexistente nos outros que também trafegavam rumo ao centro, só que mais caros e novos. E foi nessa que muita gente, e eu, entrou.

Prá chegar até o "centrão", onde faria "contra-bordo", paguei mais caro num ônibus novo e vago. Quem não tinha o... AFN (Acréscimo Financeiro Necessário) ou foi a pé, evitando o subúrbio coletivo imposto, ou caiu na gandaia. No entanto, os militares marchavam bem. O povo gostou a ponto de esquecer ou desconhecer a palavra de ordem num cartaz que, afixado no ônibus que peguei, o caro, novo, e vago, vale ressaltar, dizia: "Defenda seu direito de ir e vir". Mas como é mesmo a história do 7 de setembro, o negócio do verde e amarelo?

Texto e colagem: Léo
(Coletivo Anarquista de Fortaleza)



Em nome da pátria

"Em algum ponto do universo inundado por cintilações de inúmeros sistemas solares, houve um dia um planeta em que animais inimigos inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais orgulhoso e mais mentiroso da 'Historia Universal', mas foi apenas um minuto; depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou e os animais inteligentes tiveram que morrer."
(NIETZSCHE)

A história do planeta habitado pelo homem se constitui através do poder do homem sobre a natureza e sobre o próprio homem. O esforço humano pela reprodução redundou em forças de dominação que acabaram por diferenciá-lo da natureza e reforçar sua majestosa Razão. Descartes, o filósofo francês, há de ideologizar essa aparente supremacia.

Povos e raças possuem o imaginário coletivo

programado tradicionalmente com um senso extremo de diferenciação e limitação que se respalda nas práticas históricas definidoras dos limites geo-políticos; países são determinações históricas reafirmadas ao nível da Ideologia como antes naturais, inquestionáveis. O passo seguinte do Estado é trabalhar essas mentes valorativamente; surge a concepção de Pátria.

E homens vão para a guerra, morrem, matam, por ideais fictícios.

No Brasil, os jovens são obrigados a servir às Forças Armadas. Em nome de quê? Da defesa da soberania nacional? Em defesa das fronteiras territoriais, da autodeterminação dos povos? Não é difícil convencer quando discursos não exigem compreensão e sim mera aceitação. Em nome da Liberdade.

Países são criações do Poder; pátrias, guerras, homens subjugados e empobrecidos são criações do Poder. Bandeiras, hinos nacionais, são concepções culturais (as formas rígidas e cores que simbolizam tradição, prezam pela reprodução de valores seculares).

O mesmo Poder que assegura a dinâmica da história, faz crer-se protetor da vida no planeta Terra, enquanto não detona o planeta. Gaia é bem maior que as ambições do homem. O planeta não se reduz à vida humana.

Não há pois, pátria; não há bandeira, não há juramentos vãos... Não são esses os símbolos da grandeza do homem. O homem nem sequer é grande.

Texto: Al Mamlaka
(Coletivo de Fortaleza)

REVOLUÇÃO RUSSA — 1917-1987

Os 70 anos da ditadura sobre o proletariado

"Glasnost" (transparência), "perestroika" (reestruturação). Estes dois termos são, agora, lidos e ouvidos a todo momento. As autoridades da União Soviética resolveram abrandar sua ditadura para possibilitar a entrada de capitais e tecnologia estrangeiros. A História, mais uma vez se repete. Durante a I Grande Guerra, o czar Nicolau II foi obrigado a tolerar elementos de democratização econômica e política em sua Santa Mãe Rússia sob pressão da França e da Inglaterra, a 1.ª, a maior responsável pelos 15 primeiros anos da industrialização russa, inexistente, praticamente, até 1900.

São 70 anos de ditadura sobre o proletariado, expressão, aliás, não da autoria de qualquer anarquista, mas do homem que foi o guru de Vladimir Ilitch Ulianov, o Lenin; que o introduziu nos meandros da teoria marxista da Revolução. Lenin converteu-se ao marxismo depois de ler "A Nossa Divergência", de Plekhanov, o fundador, em 1898, do Partido Operário Social-Democrático, a seção russa da II Internacional marxista.

Plekhanov era um marxista autêntico, isto é, achava, como Karl Marx (1818-1883), que a revolução socialista só poderia se dar em países aonde as forças de produção capitalistas estivessem plenamente desenvolvidas, como na Alemanha e na Inglaterra.

Marx, inclusive, desprezava profundamente a Rússia e achava que este país seria o último, na Europa, a ter uma revolução socialista, pois a sua economia era incipiente e nitidamente agrária e, no campo político, suas organizações populares eram frágeis devido à existência de um poder autocrático totalitário, representado pelo czar.

A Revolução Russa, portanto, é a própria negação da Teoria da Revolução de Karl Marx. E, como é que Lenin fez para chamar de "marxista" o golpe de Estado que deu no Governo Provisório que substituiu o czar em 1917?

A TRAJETÓRIA DE LENIN

Vladimir Ilitch Ulianov nasceu em Simbirsk, em 1870, filho de uma família da pequena burguesia (seu pai era diretor de colégio e, como membro da burocracia czarista, mesmo que em grau inferior, nunca conheceu a fome e a miséria que rondavam o povo russo há mais de 300 anos). Seu irmão mais velho, Aleksandr, foi morto pela Polícia depois de atos terroristas ligados à "Narodnaja Volja" (Liberdade do Povo), a organização extremista que congregava a maioria dos marxistas na Rússia até 1883, quando os adeptos de Marx rompeu o terrorismo como tática para se chegar à revolução.

Agitador estudantil em 1887, na Faculdade de Direito de Kazan, Lenin seria expulso dali e concluiu seu curso de advocacia na Faculdade de São Petersburgo. Em 1895 funda, como seu colega Julji Martov

(depois da Revolução de 1917, no exílio, Martov se transformaria em seu ferrenho crítico), a União de Luta pela Emancipação da Classe Operária, que teve uma grandiosa e rápida ascensão nos meios esquerdistas, sendo desmantelada no ano seguinte pela repressão czarista, sendo todos deportados para a Sibéria. Vladimir foi deportado para Lena, aonde adotou o pseudônimo de Lenin.

Em 1900/1905 volta a atuar com Plekhanov na edição da revista marxista "Iskra" ("A Centelha"): Veio a Revolução de 1905. O povo russo, levado por padres ortodoxos como George Gapon, que liderou a marcha de 120 mil trabalhadores até o Palácio de Inverno, foi massacrado pelas tropas do czar Nicolau II no evento conhecido como Domingo Sangrento. Lenin não



O líder anarquista Nestor Makhno libertou a Ucrânia dos reacionários e dos alemães: teve suas tropas dizimadas por Trotsky a mando de Lenin

fundado durante a Revolução de 1905, e sentia a capacidade revolucionária da situação do seu país. Atento às mudanças da insatisfação popular, desenvolve uma teoria segundo a qual, qualquer setor avançado pode tomar o poder e não só a burguesia, para instaurar o capitalismo desenvolvido, como reza a teoria marxista. Nesta época elabora a teoria da "vanguarda do proletariado", um grupo de revolucionários profissionais que se dedicaria única e exclusivamente a preparar a revolução e, depois dela, formaria os quadros dirigentes da nova ordem.

Denuncia o gradualismo marxista de seus companheiros mencheviques (minoría no Partido Social-Democrático) e em 1912, no Congresso de Praga, rompe formalmente com a idéia da revolução bur-

A Revolução Russa foi mais marxista e é mais marxista atualmente, com sua planificação estatal, do que foi na época de Lenin.

A GUERRA E A REVOLUÇÃO

Em 1.º de agosto de 1914 a Alemanha declara guerra à Rússia, que já se preparava para sair em socorro a Sérvia eslava depois da agressão da Áustria-Hungria germânica.

A guerra divide os revolucionários. A maior parte adere à guerra contra a Alemanha, até mesmo o anarquista Kropotkin, por entender que seria um serviço à classe operária alemã (a mais avançada da época) derrotar o "kaiser" Guilherme II.

Lenin, contudo, pregava, na surdina, o "poraztsvo" (derrotismo), pois entendia que só com a derrota a dinastia Romanov podia ser derrubada. Chegou, em certa época, a ser classificado de "espião alemão", ainda mais depois que conseguiu atravessar a Alemanha em guerra num trem a salvo. Sua posição, contudo, mostraria ser a mais certa.

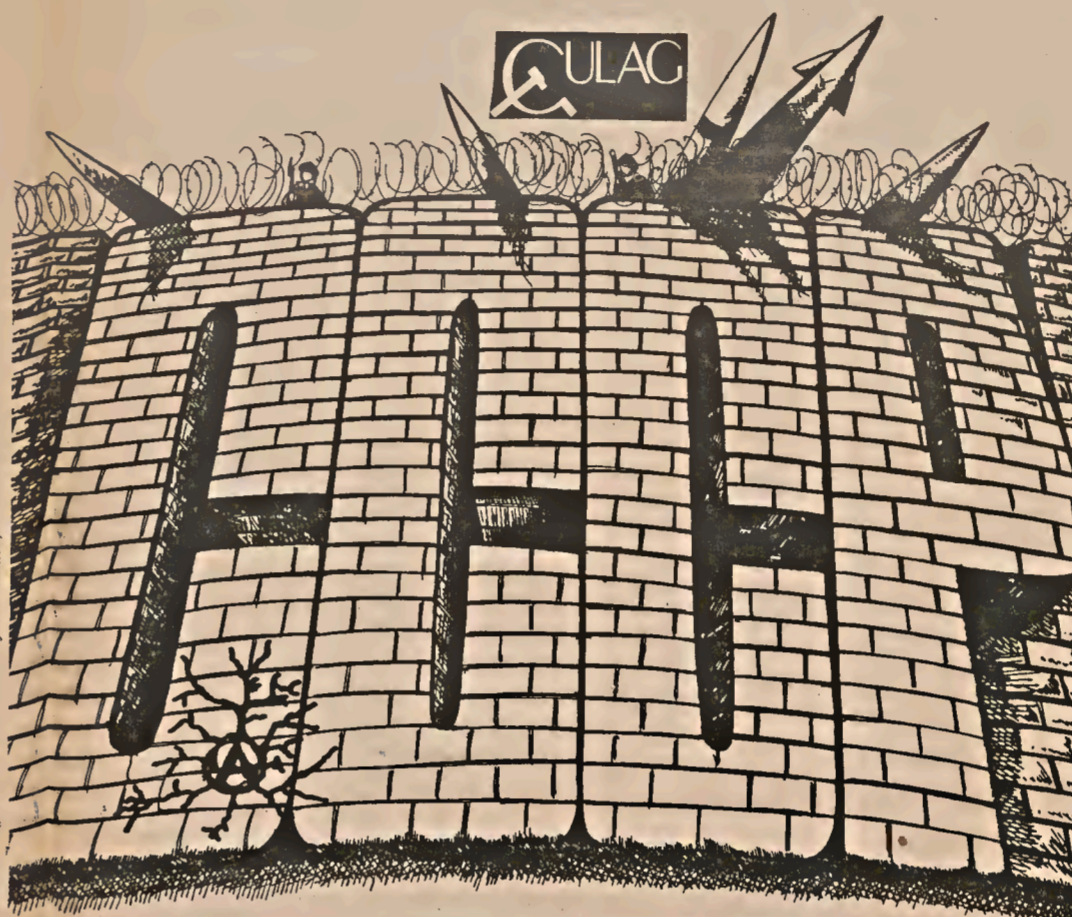
A guerra contra a Alemanha trouxe à Rússia um estado de miséria jamais imaginado: faltava tudo, desde pão até material bélico para continuar a campanha. Os soldados, sem munição e até sem botas, morriam como moscas. Os mortos russos contavam-se aos milhões. Só na ofensiva alemã de 1915, a Rússia perdeu a Polónia e um milhão de soldados. Na ofensiva Brusilov, no ano seguinte, os russos perderam mais um milhão de soldados. Tudo corria de acordo com os planos de Lenin.

O presidente da Duma, Parlamento, avisa ao czar, em 23 de fevereiro de 1917, que o país está à beira da Revolução. Nicolau II ameaça dissolver a Duma. Greves espalham-se, primeiro por Petrogrado e Moscou. Depois por todo o país. A partir de 11 de março começa a deserção dos soldados e o assassinato de oficiais. No mesmo dia a Duma é dissolvida, mas no dia seguinte ela reage e elege um Governo Provisório chefiado pelo socialista moderado Alexander Kerensky. Paralelamente, no Palácio Tauride, é fundado o Soviete (Conselho) dos Representantes dos Soldados e Trabalhadores de Petrogrado. Os dois organismos começam a luta entre si.

É marcada a eleição de uma Assembléia Constituinte para 28 de novembro de 1917. Só que Lenin, vendo a ebulição popular, resolver abortar a legalidade e apressar a revolução com um novo discurso, tomado aos anarquistas e aos socialistas-revolucionários (ala esquerdista deste partido). Aos soldados ele promete a paz imediata. Aos operários, ele promete o controle das fábricas pelos comitês (programa anarquista de revolução). Aos camponeses, ocupação das terras sem se preocupar com indenização ou com limitações legais. Isto é, paz, autogestão e terra, os maiores anseios russos no final de 1917. A partir daí, os bolcheviques conseguem maioria nos

ANTIMARXISTA

Por mais que os marxistas contemporâneos, tentem, a todo custo, dizer que a Revolução Russa seguiu os postulados de Marx, ela, na verdade foi antimarxista em sua origem. A única coisa que Lenin tinha da teoria marxista em sua teoria revolucionária era o autoritarismo, pois, tal como Marx, queria fazer crer ser possível um Estado sob "controle" operário para organizar a economia socialista.



CCCP e a sigla da URSS em russo (elaboração crítica)

soviéticos. Por que, enquanto faziam o seu discurso intolerante de revolucionários profissionais, ninguém aderiu à sua causa.

Nesta época, em reuniões do próprio Comitê Central bolchevique e na imprensa burguesa russa, Lenin é acusado de ter-se tornado anarquista e estar "roubando" o ideário de Bakunin e a teoria da revolução permanente de Trotsky (Lev Davidovich Bronstein). Lenin declara que não importa de quem são as idéias, importa é que funcionem.

No dia 25 de setembro de 1917, Lenin escreve da Finlândia aos bolcheviques instruindo-os a tomar o poder e não esperar a Constituinte. Infiltrados na guarnição do Exército em Petrogrado, eles forçam a guarnição a aderir ao recém formado Comitê Revolucionário Provisório, constituído porque Lenin inventou, em conluio com Sverdlov, que havia um "complot" militar "anti-revolucionário em andamento em Minsk.

Na madrugada de 6 para 7 de novembro (pelo calendário ocidental), o Comitê declara Krensky deposto.

DISCURSO E PRÁTICA

A partir daí, cabe analisar o discurso e a prática de Lenin.

"O poder soviético proporá a toda nação uma imediata paz democrática. Procederá à entrega dos bens dos proprietários rurais, da Coroa e da Igreja aos comitês de camponeses (...) Estabelecerá o controle operário sobre a produção, assegurará a todas as nacionalidades que vivem na Rússia o direito absoluto à autodeterminação."

Apesar das palavras bonitas, entrega a política das nacionalidades para Stalin diri-

gir. Já na Constituição de 1919, inscreve o direito de o governo censurar aqueles que o criticam através da imprensa. Vendo que a autogestão, nas fábricas e nos campos é um processo lento para dar frutos econômicos, vai destituindo os comitês e estatizando as grandes empresas sem direito dos operários opinarem em o quê, quanto, quando e para quem será produzido. Convoça eleições para a Constituinte. Como os bolcheviques só conseguem 24,9% dos votos, a Constituinte só se reúne uma vez, sendo dissolvida pelo Exército Vermelho na 2.ª sessão (um bom exemplo para os marxistas que têm assento na Constituinte direita brasileira, que vai produzir a mais reacionária constituição da História moderna mundial). A velha tática leninista: o que nós não dominamos, nós destruímos. Lenin faz o mesmo com os soviets, quando eles começam a se tornar críticos da formação de uma burocracia bolchevique cheia de privilégios.

Os adeptos da antiga ordem czarista aproveitam o crescimento do autoritarismo bolchevique nas propagandas que fazem nos campos e, assim, os marxistas russos ajudam os reacionários sustentados pelos EUA, França, Japão e Inglaterra, dando-lhes munição para discursar contra a revolução.

Na Ucrânia, o líder anarquista Nestor Makhno controla a maior parte do país, derrotando alemães, reacionários czaristas e instituindo coletividades agrárias autogestionadas. Trotsky é enviado por Lenin para acabar com a experiência anarquista.

Começa a reação, dentro dos próprios quadros marxistas bolcheviques e Sliapnikov e Alexandra Kollontay, companheira e companheira de Lenin, denunciam a "degeneração centralista". Em 1923, oportunisticamente, os próprios Trotsky e Stalin declaram, publicamente, que apóiam as críticas de Zinoviev que diz: "Nós abolimos os mais elementares direitos democráticos de operários e camponeses. É chegado o momento de pôr fim a tal estado de coisas."

Os marinheiros e operários de Petrogrado, reunidos em torno da fortaleza naval de Kronstadt, rebelam-se para, de acordo com os anarquistas, "caçar os usurpadores e pôr fim à ditadura dos comissários". O

mesmo Trotsky que queria "democracia" pega o mote e diz que vai matar todos os revolucionários como "perdizes": e o faz.

No dia 9 de maio de 1919 o líder anarquista Piotr Kropotkin se encontrou com Lenin, em Moscou, e o advertiu da tendência autoritária da revolução. Lenin prometeu que, dali por diante, ouviria as denúncias anarquistas sobre o centralismo. Da boca pra fora. Calou a todos.

É proclamada em 1922, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sob inspiração de Stalin, sem dar autonomia verdadeira às nacionalidades. Já dominando a burocracia do partido, Stalin só espera Lenin morrer, em 1924, para dar seu próprio golpe de Estado. Expulsa Trotsky do PC, exila-o e, posteriormente, manda matá-lo no exílio. Depois daí, todo mundo já sabe. São milhões de assassinatos no maior banho de sangue da História. Os campos de concentração (o Gulag) são mais terríveis do que os do czar.

Por que? Porque Stalin era maldoso? Não. Porque Lenin constituiu um partido militarizado, centralizado, autoritário, sem dar vez e voz aos trabalhadores. Neste tipo de estrutura, como Bakunin advertiu Marx no século anterior, na I Internacional, só se desenvolve a tirania. Substitui-se o poder da burguesia pelo poder da burocracia e uma nova classe opressora nasce.

E, como toda classe opressora, a burocracia marxista se apega ao poder igual cascudo à pedra dos rios e, mesmo agora, com sua "glasnost", o Sr. Gorbachev procura apenas um modo de se livrar dos burocratas que ainda servem aos grupos dos seus antecessores, Brejnev e Andropov. A estrutura de poder do país é e continuará sendo a mesma: o PC domina tudo, decide tudo e a função da classe operária é obedecer.

Até claro, o dia em que uma revolução verdadeiramente socialista liberte os trabalhadores russos. O que acontecerá, é bvio, pois o czariato Romanov durou 300 anos, mas caiu. O bonde da História é o único que não pára.

Antônio Carlos Pacheco (CDPA — Salvador)



Lenin, organizou o Estado soviético da mesma maneira autoritária como organizou o Partido Comunista russo

A "lógica da desordem"

O espaço urbano se efetivou como centro da produção industrial e das inovações tecnológicas. Ali, as transformações se fazem em ritmo acelerado, demonstrando o estabelecimento de uma ordem capitalista inovadora, dinâmica e discriminativa.

A fábrica caracteriza a força motriz do sistema capitalista, o referencial maior para definir o estágio de desenvolvimento econômico, pois representa o domínio da ciência e da técnica. Percebe-se, com isso, que o valor máximo de reconhecimento social burguês se destina aos cidadãos detentores dos meios de produção e os possuidores de um saber especializado.

Quanto ao proletariado, seu espaço de atuação já está definido, cabendo-lhe um trabalho parcial, metódico e menos rendoso. Assim, o operário exerce atividades repetitivas como se fosse uma extensão da máquina, provocando uma intensa fadiga que o destina à alienação.

Estas condições extremamente coercitivas impossibilitam aos trabalhadores uma cooperação voluntária, de compreensão e autodeterminação no processo de trabalho, levando-os a um descontentamento por serem utilizados como meros "objetos de reposição".

Esta divisão social do trabalho se traduz nos meios de produção em graus de competência: a restrição da ciência para poucos e a discriminação dos trabalhadores manuais.

Nesse sentido, configura-se uma rígida rela-

Maria José Menezes Lourega
(Órgão Asno — Curitiba)

ção que determina não só a estigmatização do operário dentro da fábrica mas também fora dela. A baixa renda faz com que se perpetue uma posição marginalizada no interior do espaço urbano, devido à carência de infra-estrutura e de serviços públicos como moradia, saneamento, escola e transportes.

Portanto, o esquema de opressão respõe os muros das fábricas, atingindo outras relações sociais. O trabalhador enfrenta condições de difícil sobrevivência, onde a sua integridade como cidadão está condicionada a uma escla de valores autoritária, que reforça e mantém a divisão social do trabalho.

A lógica do lucro transforma-se em "lógica da desordem", com a dilapidação da força do trabalho através da deterioração dos salários. O cenário da cidade passa a conviver com o crescimento das favelas, o sistema de transporte encarece e torna-se mais lento, aumenta a violência e o desemprego. Para isso, contribui a política de contenção dos gastos públicos do Estado, decisiva para manter a drástica deterioração das condições de vida.

Revela-se paulatinamente o resultado deste desenvolvimento econômico que, apoiado em um poder autoritário, impossibilita ao trabalhador o acesso às benfeitorias produzidas pelo avanço tecnológico.

Diante do processo de crescimento desordenado das metrópoles, fica claro que os problemas enfrentados pelos trabalhadores de baixa renda são devidos a um encaminhamento político voltado para atividades rentáveis. Não são, portanto, de natureza técnica.

Assim se faz necessário desmistificar o Estado quando este se coloca como agente neutro dentro da ordem capitalista. O seu encaminhamento político não privilegia as reivindicações populares.

O meio social apresenta um radical desnivelamento na população, fruto das contradições capitalistas que geram confrontos destinados a demonstrar insatisfação através de greves e quebra-quebras, forjando no espaço social uma correlação de forças que é controlada pela negociação política ou pelo uso da força.

Nesse sentido, estabelecer um convívio onde a comunidade possua domínio das relações sócio-econômicas, com uma reciprocidade nas tomadas de decisões, se configura na sociedade capitalista um projeto vencido, mas não impossível em outras condições de convívio social.

NOTA: O termo a "lógica da desordem" é utilizado segundo Lúcio Kowarick.



O ANARQUISMO NO MUNDO

TECNOLOGIA E LIBERDADE — A revista "A Idéia" promoveu, nos dias 8, 9, e 10 de abril último, em Lisboa, um encontro internacional sobre "Tecnologia e Liberdade", com a participação de cerca de uma centena de participantes de 15 países. Uma circular da revista informou que o encontro teve o objetivo de "prosseguir com um esforço de reflexão realizado desde há alguns anos pela comunidade libertária internacional, mediante encontros, seminários, publicações, debates e contatos informais". As conclusões do encontro serão editadas em vários idiomas.

CONTRA O RACISMO — A Federação Anarquista da Dinamarca informa que os anarquistas dinamarqueses realizaram manifestações públicas contra o racismo e de apoio à luta anti-segregacionista na África do Sul, denunciando, ainda, grupos direitistas (anticomunistas, militaristas, religiosos e nazistas) que operam no país, constituindo-se numa ameaça para a liberdade.

90 ANOS DE "LA PROTESTA" — Com sua edição de maio-junho últimos, o jornal "La Protesta" completou 90 anos de circulação na Argentina, tendo o acontecimento merecido uma reunião na sede da Federação Libertária Argentina (FLA), assistida por uma grande quantidade de companheiros e simpatizantes, e na qual se fez um minucioso estudo sobre esta quase centenária publicação anarquista.

LIBERTÁRIOS NA BOLÍVIA — Núcleos de divulgação do anarquismo na Bolívia têm surgido em número cada vez maior. Um exemplo disso são as revistas "Quimera" e "Acracia", publicadas em Cochabamba, e a participação de libertários na Federação Universitária Local (FUL), desta mesma cidade, que associa 11 mil estudantes.

MOVIMENTO NA POLÔNIA — Na Polônia, proliferam publicações libertárias e diversas manifestações públicas de partidários do anarquismo têm sido realizadas, a favor da liberdade dos povos que vivem nos países subjugados pela tirania soviética. Uma das publicações é a revista "Homem" ("O Jovem"), com grande repercussão e influência nos ambientes juvenis, tanto de trabalhadores como de estudantes.

NO URUGUAI — O Grupo de Estudos e Ação Libertária (GEAL), de Montevideo, acaba de editar o número 2 do seu Boletim, com 18 páginas.

Cineclubes proliferam no Paraná

O movimento cineclubista paranaense é formado, na sua maioria, por cineclubistas anarquistas de diversas cidades do interior e alguns cineclubes da capital (Caos, Zaratustra da PUC, Palestina).

Enquanto o movimento cineclubista nacional enfrenta uma de suas piores crises desde sua fundação, no ano de 1959, em São Paulo, com a consolidação de um racha na última Jornada Nacional realizada em Curitiba, onde a Federação Paranaense anunciou publicamente seu rompimento com o Conselho Nacional, o cineclubismo paranaense cresce a cada mês em número de participantes e atividades. A Federação Paranaense de Cineclubes é a única federação cineclubista que publica um jornal bimensal, o "Contra-informação". Dispõe de sede em ponto central de Curitiba (Galeria Schaffer, rua XV de Novembro, 416 — sala 6) e realiza mostras de filmes por todo o Estado a cada dois meses.

O motivo do crescimento do movimento cineclubista paranaense é a forma libertária que caracteriza sua estrutura de atuação: os cineclubistas paranaenses não aceitam diretoria para a Federação. Em lugar de diretores, foram eleitos coordenadores estaduais, em número de sete, cujos cargos são transitórios e passíveis de modificações nas assembleias e encontros esta-

Antonio Carlos da Conceição Marques
(Cineclubes Zaratustra)
PUC—Curitiba

duais — que normalmente terminam em festa. O 3.º Encontro de Cineclubes do Paraná será realizado no próximo mês de setembro, na Ilha do Mel.

Embora diversos cineclubistas sejam confesadamente anarquistas, todos eles diferem na forma de atuação. Alguns cineclubes libertários realizam trabalhos de conscientização popular através da projeção de filmes em bairros, favelas e escolas. Alguns meses atrás, por exemplo, o Cineclubes de Maringá realizava projeções de filmes em escolas de 2.º grau daquela cidade, quando o diretor da escola tentou interromper a projeção porque o filme tinha cenas de drogas e sexo. Os cineclubistas não permitiram a interrupção e o filme continuou, "Poetas da Cidade", sendo bastante aplaudido no final. Experiência idêntica foi realizada na pequena cidade de Goio-Erê, onde o cineclubes local projetou filme em escola de 2.º grau sobre homossexualismo. A gritaria de professores, imprensa e polí-

ticos locais contra a "ousadia" do cineclubes foi geral. Mas os alunos gostaram tanto do filme que pediram a realização de uma segunda sessão, feita dois meses depois, em local reservado.

Alguns cineclubes atuam na periferia. Após as projeções de filmes, discutem com os moradores sobre as questões locais e aprovietam para passar tópicos da filosofia anarquista, através da crítica ao sistema político em vigor, eleições, sindicatos pelegos, imprensa corrupta etc.

Mas o anarquismo não monopoliza a atividade cineclubista paranaense. Existem cineclubes de militantes do PT, PMDB e outros movimentos. E os anarquistas convivem, em perfeita harmonia, com os demais movimentos porque acima de tudo existe um respeito mútuo e os limites de ação dos cineclubes são previamente demarcados em reuniões para esse fim.

Para quem não sabe, cineclubes são pequenos clubes de cinema que servem de canal alternativo ao monopólio estrangeiro da área cinematográfica. É nos cineclubes que são projetados os filmes experimentais, culturais e todos aqueles que não encontram espaço nos canais tradicionais de exibição.

Antonio Carlos da Conceição Marques, Cineclubes Zaratustra (PUC-Curitiba)

Anarquismo e contra-informação

No ano passado alguns anarco-cineclubistas perambulavam pela Europa decadente quando cruzaram, em Milão e Roma, com centros culturais de contra-informação. Esses centros publicam jornais, boletins, arte-postais etc. E foi como se tivéssemos encontrado uma fonte de sabedoria daquelas que só pintam nos bares de Amsterdã, depois de muitas drogas e rock também.

Contra-informação, pra nós, é desmascarar essa imprensa corrupta e mercenária que idiotiza as pessoas, o país, o continente, o planeta e os seres extra-terrestres que nos visitam esporadicamente (atenção, revisor). Contra-informar é transmitir o outro lado da moeda, é contra-dizer o noticiário publicado na imprensa global, institucional. Por isso publicamos um tablete de 12 páginas chamado de "Contra-Informação", onde desmentimos algumas notícias e inventamos outras — baseadas em fatos reais.

A agitação cultural através dos cineclubes também é outra arma que usamos. Vale tudo para mudar essa merda de país. Tudo que for proibido é válido. Tudo que for incentivado é intragável: abaixo a família, o trabalho, o dinheiro, o patrão e o Estado.

Não somos donos da verdade e não discriminamos ninguém e nenhum movimento anarquista. Cada um age como quer — é um direito que

José Gil de Almeida
(“Contra-informação”, Curitiba)

lhes cabe. Nós agimos como queremos. A nível nacional, pedimos a liberação das drogas — de todas as drogas — porque só assim o preço cairá e deixará de financiar campanhas políticas ou policiais. Os centros de torturas existentes em cada delegacia de polícia do nosso país é um exemplo típico das mudanças estruturais conseguidas pela Nova República: porra nenhuma. Tudo igual como era antes no quartel de Abrantes. A nível internacional, dizemos que viva a revolução islâmica do Irã. Viva toda a revolução que coloque em perigo o imperialismo norte-americano ou soviético. Choramos pelos judeus mortos na Segunda Guerra Mundial mas lembramos que as maiores vítimas foram os próprios alemães, com suas cidades inteiramente destruídas e até hoje pagando indenizações ao Estado racista e expansionista de Israel. Chegamos para a imprensa mundial controlada e manipulada pelo sionismo internacional. Não acreditamos numa linha dos jornais nem nas palavras da televisão. Não acreditamos em ninguém.

Contra-informar é destruir a burrice congênita

do nosso povo, insuflada por discursos oficiais e escravos bem alimentados pelos "states". Fodam-se os aventureiros que vieram enriquecer em solo pátrio porque nossa pátria é a América Latina e o Terceiro Mundo. O resto que se foda.

Não nos enquadrados em nada. Se disserem que somos pequenos burgueses metidos a anarquistas, ou que somos fascistas disfarçados de anarquistas, ou que somos anarquistas disfarçados de comunistas, respondemos: fodam-se! Não aceitamos rótulos. Não nos rotulamos e achamos que cada qual deve assumir as posições que desejar, da forma que desejar porque todos os buracos servem para gozar. Anarquistas, sim. Mas anarquistas ao nosso modo, da forma como nos sentimos bem.

Contra-informação é subversão não só daquilo que é permitido subverter, mas principalmente daquilo que as pessoas consideram "tabu": o medo, nosso principal e maior inimigo. Fodam-se todos!

“A liberdade decada um tem como limite o princípio da se seu semelhante”.

Re-flexos (fuckin hell)

Zumm, cheiro de ferro — um nome de homem que é morto numa manhã, travou carinhos em silêncios por trás dos ócios aros dos seus óculos. Te pegam sorrindo doces troças do peito; crac, chacoalha um blue direto, nave oligárquica noa noa testa de ferro — pele de granada dá bruxilos torpes sana alga no pôr da hóstia sai seu fumo em vão e dão de cara mesmo? Avant gard arpas e ululas lasciva água viva no lume cortante de coral da IRA. Aulas praxis urutus roçando ensandecidos, soa no osso melhor que sexo crias de sol a sol e não blefa um globo maior do olho dilatado porão, da dor na testa quando sem óculos esquerdos ou quedam no tamborim d'américa, cem por certo nô em vista tem gota em cada esquina, gata escaldada pirando de desejos na escada, dispara a pistola trinta e cinco milímetros brasil ousa recriar fosco zoológico de cultura na pele do papai-Sam; colorir colocar uma quarta, nas costas coloniais do selo comemorativo — zune andróide atordoado de vamos lá. Válvulas de uranium, mergulho crônico na crista do império de vidraças. Criados como animaizinhos na sorvência do dialeto das praças quilombos urbanos, sempre diferem do calor humano que as creches dispensam. A morte e a liberdade atravessam as grades dando de cara com o gás lacrimogêneo.

Tais circunstâncias escarpadas encalham nas manchas de silêncio no rabo da democracia — coisa pública coça os chatos do certame e molha a boca nas champanhas estatais, ai, ai que bomba, que bomba que é, um revólver e um rifle pro posseiro dar no pé! Te cuida coisa grassa, não traz as cartas tordeshilhas na manga?

Corrupções colaterais, mancham colarinhos e aos solavancos gosmam as luvas de pelica de gotas de esmeraldas. Pra cima das torres, cauda do dragão, acredivis em tudo entre aspas do meu arco, aze-do, enjoando no balanço da nau sem vela incutida no re-flexo! Sois a santa que cura com um olhar e aquece o peito com o crucifixo do entre pernas? Um naco ou um braço apodrece nas vielas torturadas de américa latina...

Santa, deixa eu subir no teu altar e possuir-te ao som do padre nuestro. Vummm! Neon arripeia all neurônios, mofados de tédios e faz

com o que o rumor deste anúncio ricocheteie nas janelas escancaradas da percepção. O quê? O quê? Controle de totalidade inconsciente coletivo lotado nas tardes, depois das sete quando o motorista abusado freia como se levasse uma manada pro abate. O pão nosso de quase todo dia me venda hoje que no final do mês eu pago e que ele não tenha tanto bromato, e o leite estragado e a carne de chernobil, amém! Glória ao pai todo poderoso com a bunda no congresso e o olho no mandato, amém!

E a vozulú que tá na pele continui e abrande a pele branca das baionetas!

Nas fortalezas domésticas apodrece a atração pelo coletivo — alvo em mim crosta de silêncio, pelo quarto movendo os espantos com a própria sombra. Morrendo de amor febril pelo teu caliente

meus ossos prá esquentar minha alma e meu ofício nestas tardes lerdas e babacas, preso em mim mesmo e nas celas da poesia. É que um brilho lúgubre passeia de sapatos de tungstênio dando cano na razão, atrapalhando o vôo mudo do passar do tempo. Mordendo as fronhas, confessar segredos a elas que jamais vão elevar-se além linguagem, qual deles te umedece mais? Gomos de laranjas pelo chão, tarde em que as crianças saem das suas jaulas e mergulham de boca em cocacolas e taças de pistache ruminando a fantasia da infância salutar. Baby, eu não nasci prá isso. Nem meus filhos crescerão só prá pagar meia nas laticínios móveis dessa urbanidade, entende?

Abraçar o punhal e a caneta e sobe ao cadafalso do teclado da remington portátil e mete bronca e

reflete ao cair da noite.

Zummm Zummm Zummm shictssst!

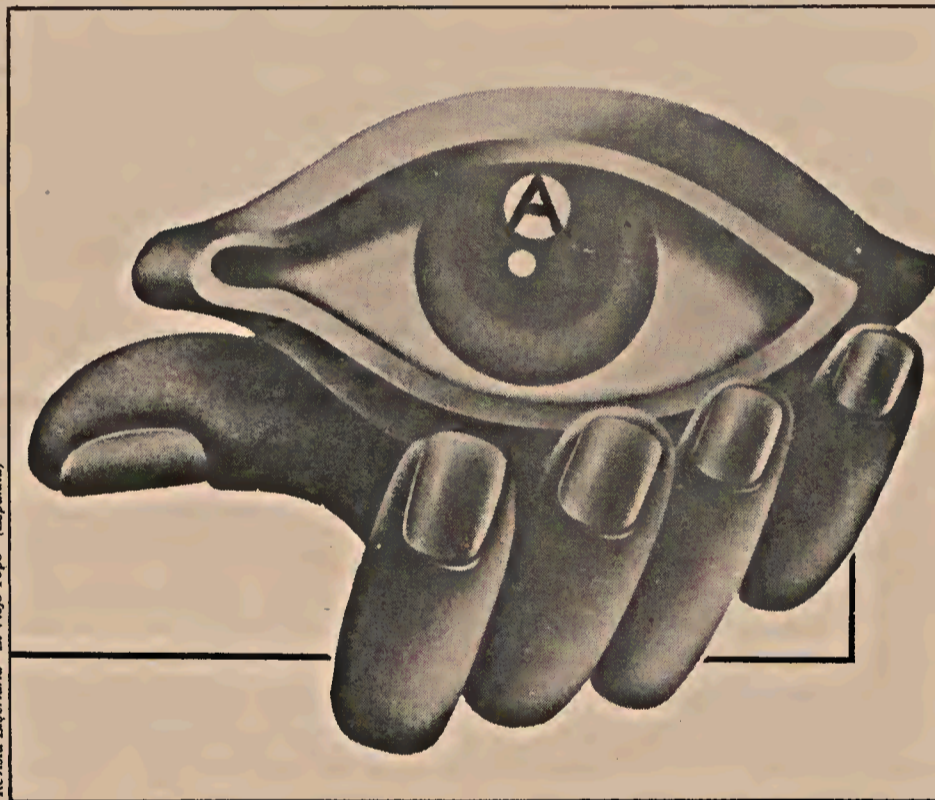
É hora de incendiar em nós aquele gesto ou ato que ficará explícito no fundo da indecisão e do medo, é claro que se fizeres um esforço racional, jamais chegará a tal gesto. É necessário não pensá-lo e sim pô-lo em prática e documentá-lo como quem não quer nada, e querendo. Desenvolve o instinto e pulveriza a precaução.

Sonhando asteróides sentiu o impulso auto nô centro da medula; sobem as cotações da bolsa, e aquela ereção foi só passageira, ah! Não exagera! Tesão do mijo é o fim!

Eu que lí nos teus olhos o conto mais tesudo que a minha libido já provou, minutos de espasmos, o corpo imobiliza-se na hora do ponto final. Mas não. Você colocou foi uma vírgula, e continuou vibrando no meu enrijecimento infinito, por horas e horas de leitura. Prometo nunca mais usar como lubrificante a umidade de um dicionário, e sim minha própria saliva prá ajudar na penetração; é claro, é claro que vou lér-te até decorar palavra por palavra e assim não precisar mais improvisar, de maneira errada, e te causar dores nos parágrafos. Ai, querida. Esses teus reflexos me põem no nirvana! A quantos impressionaste no correr do tempo com tuas manobras espásmicas? Não me conte, pois estas linhas seriam poucas pra poder eternizar toda tua malícia, prostituída e eletrizante de fazer tremer nas frases qualquer mortal. Quando o amor transpõe a barreira ortográfica não há ponto final que segure essa tortura em papel e tinta!

Vem e instaura em mim as exclamações suaves, até às mais sádicas, deixe que tudo venha numa escala ascendente deixando os acentos do caminho pra todos nós tropeçarmos; esfarrapando nossas noites em punhais e espinhos do ato de brincar, na tua boca de signos e armadilhas literárias! Tem minha devoção e meu corpo, que mais queres? Minh'alma! Dou-te e se possível deixàres, assino embaixo.

Texto: Luís Marcos
(Coletivo de Fortaleza)



Revista Liberdade "El Viejo Topo" (Espanha)

corpo cultura; "sei que às vezes uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas."

Abuso, vejo, linear parole, pérola do fundo da crise oceânica da pouca sanidade, peixe sem oxigênio na pauta debate-se. Pelas vielas de DNA — flue entrevero coágulos de desejos na madrugada em que os poros disputam a carcaça do vil metal. Preso o planeta entre os dentes morde um míssil apontado pro nosso acidente. Mijo na rua, espoco camisinhas no apogeu do onanismo. Faço uma fogueira dos

o pau come em caixa baixa mesmo. Atração pelo teu corpo, é isso que sinto. Vontade de ter dar um banho e depois escrever nos lençóis um poema oral sem cor do pecado, será que a boca só foi feita prá dizer bom-dia e como vai você? Nos lavam o cérebro com um desinfetante preconceituoso que avisa quando é hora de voltar prá sala com os biscoitos e as pipocas e de novo arregalar o globo. Estagnarão as fontes de realidade com a poluição velha dos nossos avós e hoje nos condenam pelas nossas roupas rotas e pelo nosso silêncio que só

Seja "inimigo" também

"O Inimigo do Rei" é sustentado com as contribuições dos membros dos coletivos. VOCÊ também pode ajudar, anonimamente ou nominalmente, basta fazer um depósito, de qualquer valor, numa agência Bradesco Instantâneo na

conta 23.180-0, Agência Campo da Pólvora (3266), Salvador, Bahia.

É através dos altos custos gráficos que a burguesia tenta calar os dissidentes no Brasil. Ajude a manter viva a única voz sem patrão!

Revolucionários? Nem tanto!

A juventude esclarecida deste nosso país pode se orgulhar de muitas coisas, menos de uma que é muito importante para ela: a de revolucionar.

Eles, reunidos no XXVI Congresso da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), demonstraram isto na prática quando se dizendo esclarecidos da realidade, apenas reproduziram os mesmos canais de autoritarismo existentes na nossa querida sociedade burguesa.

Ora, são pessoas tão esclarecidas, sabendo o que são, onde estão, mas que não conseguem tentar romper com a mediocridade do cotidiano em que vivem.

Me desculpem os new-marxistas, todos cobertos de broches de Marx e Guevara, mas da mesma forma que os burguesinhos reclamam das relações que permanecem com os pais, os rebeldes também reclamam e ambos não se importam de demonstrar as excelentes qualidades paternalistas que apresentam. Da mesma forma que os burguesinhos parecem ter a mesma aparência, pensam as mesmas coisas, estão os new-marxistas que não conseguem discordar das vanguardas.

Bom, o Congresso começou sem novidades; a situação de um lado (União da Juventude Socialista, vide PC do B) e a

"oposição" do outro (PT, PCB, MR-8 e, vejam só, Independentes).

Os petistas, que se diziam autênticos, me garantiam que, o que caracterizava a apatia da UBES em relação a ações práticas, era justamente o PC do B, ou melhor, a UJS, e que eles jamais compactuariam com a situação. O PCB, com uma franca minoria, além de tentar fazer conchavo com o PT, deixou os seus secundaristas frustradíssimos por dar a orientação de que eles permanecessem no Congresso da UBES, e não no do partido que estava acontecendo nos mesmos dias. Sobre o MR-8... deixe ele primeiro sair do PMDB. Os Independentes... independentes porra nenhuma. Pregam o apartidarismo dentro da UBES, mas não têm a menor vergonha na cara ao afirmar as mesmas babaquices das outras facções.

Pode se pensar que, com toda essa briga pelo menos a UBES talvez seja uma entidade com uma grande representatividade, ou quem sabe um grupo de pessoas realmente predispostas a brigar na rua. Espero que ninguém tenha pensado nisso, pois não existe nada disso. Então, como se explicar o fato de a UBES requerer a glória de representar quase todos os estudantes do país e não ter uma ação concreta na vida estudantil? A resposta é simples. Mais uma vez, as ações das vanguardas "cons-

cientes", logicamente, ações que elas acham que estão certas, inibem toda e qualquer possibilidade de se criar algo pela ação direta. Resultado: há uma incrível distância entre as bases e as vanguardas, e de concreto... PORRA NENHUMA!!!!

A esclarecida juventude do Congresso, que não cansava de gritar "a UBES somos nós, nossa força e a nossa voz" ficou pasma ao ver milhares de estudantes irem para o hospital, por um problema de intoxicação alimentar (grande suspeita de envenenamento). Ela ficou mais pasma ainda, ao perceber que a tragédia era muito grande e que por isso não haveria a palhaçada final, digo, a plenária final, e assim a UBES não poderia tomar as posições em nome dos estudantes, que a essa hora estavam tranqüilos assistindo a novela das seis. Mas a juventude esclarecida ficou aliviada, quando a diretoria da UBES anunciou a formação de um chapão provisório, que se encarregaria de articular um encontro entre as lideranças dos estados na qual se tiraria um novo Congresso. Vejam bem: enquanto a juventude esclarecida estava às voltas com o problema da intoxicação, as vanguardas decidiam como dividir o bolo no chapão, que não mudou muito o peso das facções, valendo ressaltar que uma parte do PT (afinal, ele é constituído por milhões de frentes) não

aceitou fazer parte do chapão, mas não alterou a situação política.

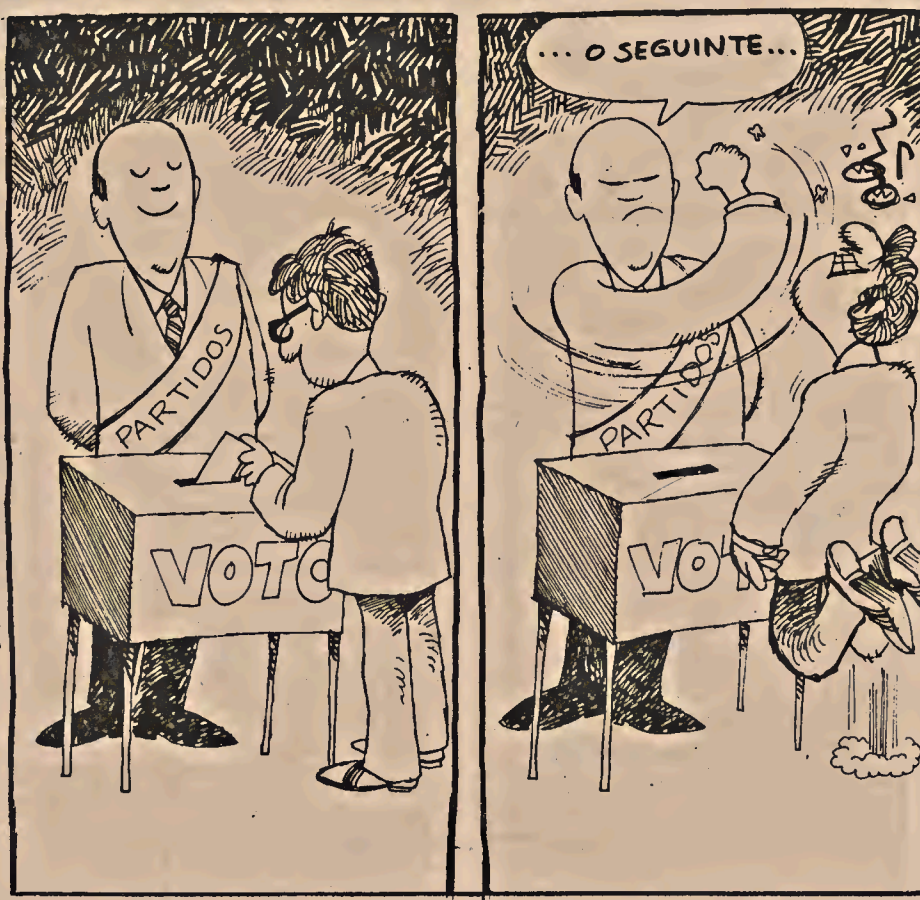
Falta criatividade aos new-marxistas, em particular aos petistas dissidentes, que não conseguiram perceber que a vanguarda que eles criticaram, nada mais é do que eles próprios, só que dessa vez muito bem encarnados no que Marx escreveu: a vanguarda do partido. No geral, pelo que já foi dito, são pessoas que não se propõem em revolucionar o nosso próprio; coitado, cotidiano. Enquanto essas coisas prevalecerem, e estas pessoas em vez de procurarem a paixão de se produzir e consequentemente romper com o cotidiano, procurarem um pseudo poder político, buscando manipular os sentimentos das pessoas, através de hinos e coisas do gênero, mexendo no tesão ceifado de cada um, a UBES continuará a ser o que é: um covil de famintos desesperados atrás do bolo do poder (qualquer semelhança com nossa sociedade não será mera coincidência). Queremos a espontaneidade pela ação direta em busca da verdadeira revolução. Sejamos realistas. Façamos o impossível, acabemos com a palhaçada.

Cláudio
(CDPA — Salvador)

Voto nulo — A luta libertária

No decorrer da história, as classes hegemônicas, através de aparatos ideológicos, sempre souberam disfarçar ao máximo sua dominação. Em um governo monárquico, a população subjugava-se ao rei (e através dele, à nobreza em geral), por ele representar a vontade de Deus na Terra. Este revestimento teocrático justificava quaisquer atitudes tomadas pelo monarca, por mais arbitrárias e irracionais que podiam ser, visto que era a "mão de Deus" que estava por trás destas; e quem na época ousaria discutir uma atitude por ele tomada? Com a ascensão burguesa, a vontade divina sai de cena para dar lugar a uma "maravilhosa" e "racional" forma de governo: a democrática. Esta democracia que pressupõe "verdadeira participação popular", não passa de um grande engodo com a finalidade de restringir ao máximo o poder à parcela da população economicamente privilegiada, sem que a grande parte da população desfavorecida perceba esta farsa. Senão, vejamos: a "benevolente" democracia para estender ao povo sua suposta participação política, utiliza-se da eleição. Esta eleição tem como função, através do voto, indicar os "reais" representantes do povo, para ocuparem os cargos administrativos (presidência da República, governo do Estado, prefeitura etc.) ou funções legislativas (deputados, senadores etc.) e que investidos como tais devem ter as aspirações populares (pois o povo os elegeu) como meta principal de suas ações, sejam estas de caráter administrativo ou legislativo. Dentro desta visão simplista, a soberania popular manifestada através do voto demonstra-se de forma coerente e eficaz. Como foi mencionado, a soberania popular não passa de simplista, pois se analisada um pouco mais a fundo, veremos que é uma farsa revestida de lógica.

Os representantes a que se confere a totalidade dos poderes políticos não representam na realidade, ninguém a não ser a eles próprios. A maioria da população que delega estes poderes não tem o mínimo vínculo com as pessoas as quais elegeram. Sua decisão com respeito aos candidatos aos quais devem confiar seu mandato político, ocorre, na maioria das vezes, através



Jornal "A Baialha" (Portugal)

da propaganda eleitoral, tendo por base seus programas, seus currículos, ou mesmo suas aparências. Quando não por propaganda, a decisão dos eleitores é comprada com pequenos favores concedidos pelos candidatos mais poderosos. Vê-se bem que uma campanha eleitoral necessita de um suporte econômico dos mais rígidos e sendo assim alguém que não tenha condições financeiras, mesmo que bem intencionado, tem que ceder seu lugar a alguém que possa manter a campanha, mesmo que seja um imbecil.

Depois de eleito o "representante popular" por ser vinculado a um partido, nunca deixará desvirtuar-se das diretrizes impos-

tas por este, mesmo que seja em detrimento daqueles pobres ingênuos que lhe confirmam o mandato. Podemos dizer que a representação popular depois da eleição não passa simplesmente de uma representação partidária, onde a vontade do partido é sempre incontestável para seus filiados eleitos.

POR QUE NÃO AS ESQUERDAS?

Alguém pouco menos ingênuo pode achar que a solução está na união das esquerdas, a fim de concentrarem seus esforços e levar um partido como o PT, ou coisa que o valha, ao poder, chegando à famosa

reforma social via parlamento, tão pretendida pelas esquerdas tradicionais, para colimar com o fim supremo do Comunismo de Estado. Ninguém pode se iludir com tal promessa, pois a ditadura do proletariado não passará de pretexto para a verdadeira ditadura dos intelectuais, que, por terem acesso a um saber mais científico, julgasse no direito de autoritariamente representar as aspirações do proletariado, que supostamente seria o ditador.

PELO FIM DA REPRESENTAÇÃO INDIRETA

Estas razões nos levam a crer que jamais devemos ficar delegando poderes a pessoas que nunca vão sequer aproximar-se das nossas aspirações. A auto-representação deve ser encarada como o único caminho para sermos seres humanos livres em potencial, onde ninguém dite regras a ninguém, e a dominação, seja ela religiosa, econômica ou intelectual, desapareça para dar lugar a verdadeira igualdade. A "vontade divina" do monarca, a "soberania popular" da burguesia ou mesmo a "ditadura proletária" dos intelectuais são formas de governo em que a opressão é mascarada e justificada.

Nós, anarquistas ou libertários, por uma coerência de ideal, devemos aproveitar as próximas eleições para encabeçarmos uma campanha a nível nacional do voto nulo. Através dos coletivos de cada cidade ou mesmo individualmente, propagar nossos ideais aproveitando o descontentamento popular evidenciado de forma efusiva nas últimas eleições. Sabemos que a postura mais condizente com a nossa proposta seria a abstenção ao voto, mas como somos obrigados arbitrariamente a praticar este ato inútil, o voto nulo, se consciente, pode ter o mesmo efeito. Estes podem ser os primeiros passos para chegarmos a uma sociedade autogestionária, em que cada um represente a si mesmo.

Carlos (Órgão Asno)
Curitiba

Pelo pluralismo sindical

A sociedade monolítica é inaceitável para o anarquista. Assim, como pensamos que é das lutas de hoje que se estruturará a sociedade pluralista e autogestionária do futuro, não restam dúvidas de que desde a base (no caso, os sindicatos) até a nação, os indivíduos devem se agrupar de acordo com suas afinidades, desde já.

As organizações que se dizem a favor da unidade sindical, hoje, parecem que sejam aquelas que preferem a sociedade monolítica amanhã. São as pessoas que formam estas organizações que acreditam serem o Lula e o Genoíno, ou dona Lídice e seu Haroldo, seres fraternos que lutam pelos direitos do trabalhador, e pela sociedade sem Estado, que adviria da ditadura do proletariado.

Por outro lado, em sindicatos livres e autônomos, os trabalhadores, sabem de que lado ficarão em momentos de crise. Saberão o que estão defendendo, se apenas melhores salários e até mesmo a eleição de aproveitadores, ou estarão defendendo o fim da autoridade sobre eles de onde quer que venha, buscando uma sociedade pluralista e sem donos.

Propostas

Hoje temos no Brasil a Resolução 87 da OIT para ser ratificada pelo Congresso brasileiro. Esta resolução é o que existe de mais democrático no mundo, nos termos de sociedade burguesa. Assim estamos apoiando esta Resolução, pois a mesma apóia a autonomia e o pluralismo. Pois achamos que com ela o sindicato, no Brasil, terá condições de crescer politicamente, sem depender de partidos ou de governos.



Ilustração "Revista Anarchica" (Itália)

Mas não ficamos parados esperando os políticos brasileiros aprovarem a Resolução. Desde já estamos construindo núcleos e associações de trabalhadores com as propostas de organização que desejamos.

Mostramos abaixo alguns artigos da Convenção 87:

Artigo-2 — Os trabalhadores e os empregadores sem distinção de qualquer espécie terão direito de consti-

tuir, sem prévia autorização, organizações de sua escolha, bem como o direito de se filiar a essas organizações, sob a única condição de se conformar com os estatutos das mesmas.

Artigo 3 — § 1º — As organizações de trabalhadores e de empregadores terão o direito de elaborar seus estatutos e regulamentos administrativos, de eleger livremente seus representantes, de organizar a gestão e a atividade dos

mesmos e de formular seu programa de ação.

§ 2.º — As autoridades públicas deverão abster-se de qualquer intervenção que possa limitar esse direito ou entravar o seu exercício legal.

Artigo 10 — Na presente convenção, o termo "organização" significa qualquer organização, de trabalhadores ou de empregadores que tenha por fim promover e defender os interesses dos trabalhadores ou dos empregadores.

O Núcleo pró-COB-BA está fazendo um abaixo-assinado pela ratificação da Convenção 87. Os que estiverem interessados em assinar o mesmo, escrevam para Caixa Postal 2540, CEP 40.021, para podermos enviar. Os abaixo-assinados serão mostrados à imprensa, e aos trabalhadores em seus locais de trabalho.

Comerciários

Nós ANARCO—SINDICALISTAS da OPOSIÇÃO SINDICAL dos Comerciários de Salvador, gostaríamos de nos contactar com trabalhadores do comércio de todo o Brasil a fim de juntos levantarmos uma oposição sindical a nível nacional, onde o PLURALISMO SINDICAL seja a base de nossa sustentação onde não haja interferência nem participação de políticos profissionais, partidos políticos, Igreja e patrão.

Os contatos podem ser feitos pelo tel.: 071 236-1641, à noite, ou pelo correio Cx. P. 2540 Salvador, Bahia, em nome de Gideão.

Baqueiro
(Núcleo pró-COB Bahia)

Membros da CUT tentam censurar os anarquistas

No dia 19 de agosto p.p., véspera da "Greve Geral", estávamos panfletando na Central do Brasil (três pessoas no total) um panfleto do MOVIMENTO LIBERTÁRIO do Rio em favor da greve. O panfleto, entretanto, continha críticas a forma como a greve foi decidida e puxada, críticas estas decorrentes da nossa postura ideológica, reconhecidamente diferente da postura ideológica dos senhores.

De repente, um grupo de mais ou menos 10 integrantes da CUT que panfletava no local, começou a discutir conosco nos acusando de burgueses, contra-revolucionários e outras imbecilidades afins. A discussão evoluiu e passou-se à agressão verbal, não de-

Movimento Libertário do Rio (22/agosto/1987)

gringolando em agressão física porque conhecíamos algumas pessoas do grupo da CUT. Os CUTistas chegaram a derrubar panfletos de nossas mãos e, mais ridículo ainda, tiraram panfletos das mãos dos trabalhadores que passavam — já os tinham recebido de nós — dizendo que eles não deviam ler "aquilo". (demonstração clara de paternalismo e manipulação do trabalhador). Armou-se um espetáculo ridículo onde os palhaços éramos nós — CUTistas e libertários.

Desse lamentável espetáculo ficam muitas

questões: cadê a democracia que a CUT tanto exige da burguesia? E a liberdade de crítica e de expressão? Seria essa prática fascista uma diretriz da CUT ou apenas ação de um grupo dentro dela? O que se viu foi uma prática típica da SS hitlerista, dos fascistas de Mussolini ou dos "galinhas-verdes" de Plínio Salgado.

Esperamos uma resposta da direção — regional ou nacional — da CUT. Se ela não vier, seremos obrigados a recorrer à imprensa burguesa para exigir uma retratação pública. O

episódio ainda não se esgotou: o "grupelho fascista" anda espalhando por aí que havia "policiais" distribuindo panfletos "contra-revolucionários" e "desmobilizadores" na Central do Brasil. Policiais são aqueles que cerceiam a liberdade dos outros e não aceitam críticas; contra-revolucionário é puxar uma Greve Geral sem o apoio das bases e se auto-denominar "legítimo representante" dos trabalhadores. A violência, ao contrário do que pensam aqueles "companheirinhos", não faz parte da democracia operária; esta está embasada na solidariedade dos trabalhadores.

Sem mais pelo momento, despedimo-nos esperando resposta.

O panfleto da discórdia

Eis, na íntegra, o panfleto distribuído pelos anarquistas que os cutistas chegaram a arrancar das mãos de alguns trabalhadores. A verdade dói, este é o problema:

"O Movimento Libertário e a Greve Geral"

Se você estava em greve no dia 20 de agosto, queremos dar-lhe nosso apoio. A decisão de cruzar os braços é um ato positivo. É somente pela auto-organização e discussão livre, nas bases, que a classe operária conhecerá sua força e necessidades.

Entretanto, a Greve Geral decretada não passou por discussões intensas nos locais de trabalho. Ela traz marcas do paternalismo, do

autoritarismo e do peleguismo, por ser fruto de conchavos entre cúpulas sindicais e políticos apadrinhados pela CUT e CGT. Espantamos que uma Greve Geral, que deveria ser organizada pelas bases, como foi a histórica Greve Geral de 1917, foi marcada com tanta polêmica. Uma briguinha de comadres entre CUT e CGT e, o que é pior, uma negociação das duas Centrais com a FIESP, órgão da burguesia nacional, objetivando um protesto de patrões e empregados contra a política do governo. Quase assistimos à estranha união entre explorados e exploradores.

Enquanto patrões e pelegos confabulavam, perguntamos: que discussão houve NOS SINDICATOS sobre a Greve Geral? Nas fá-

bricas, escritórios, escolas, hospitais, transportes, no campo? QUE REPRESENTANTE SINDICAL CONSULTOU OS TRABALHADORES? O máximo que se viu foram alguns panfletos com palavras de ordem das cúpulas, para os operários bestificados.

Na realidade, há intenção de os pelegos utilizarem a greve como demonstração de força de partidos, empregando chavões como "diretas já", "continuação da moratória", "não pagamento da dívida externa". FORAM OS TRABALHADORES QUE DECIDIRAM ISSO OU FORAM POLÍTICOS ATRELADOS A CENTRAIS SINDICAIS? Onde começam as reais reivindicações dos operários e onde termina a voracidade dos falidos partidos políticos?

É hora de dizermos NÃO. É hora de construir um sindicalismo autêntico, cujas decisões partam das assembleias gerais e não da cabeça de meia dúzia de pelegos. É hora de auto-organização em SINDICATOS LIVRES. É hora de dizermos NÃO ao Imposto Sindical. É hora de dizermos NÃO ao Ministério do Trabalho e sua legislação fascista. É hora de dizermos NÃO ao arrocho salarial. É hora em que A EMANCIPAÇÃO DO TRABALHADOR DEVE SER OBRA DO PRÓPRIO TRABALHADOR.

TRABALHADOR, SE NINGUÉM TRABALHA POR VOCÊ, QUE NINGUÉM DECIDA POR VOCÊ!

MOVIMENTO LIBERTÁRIO

POLÍCIA PARA QUEM PRECISA.

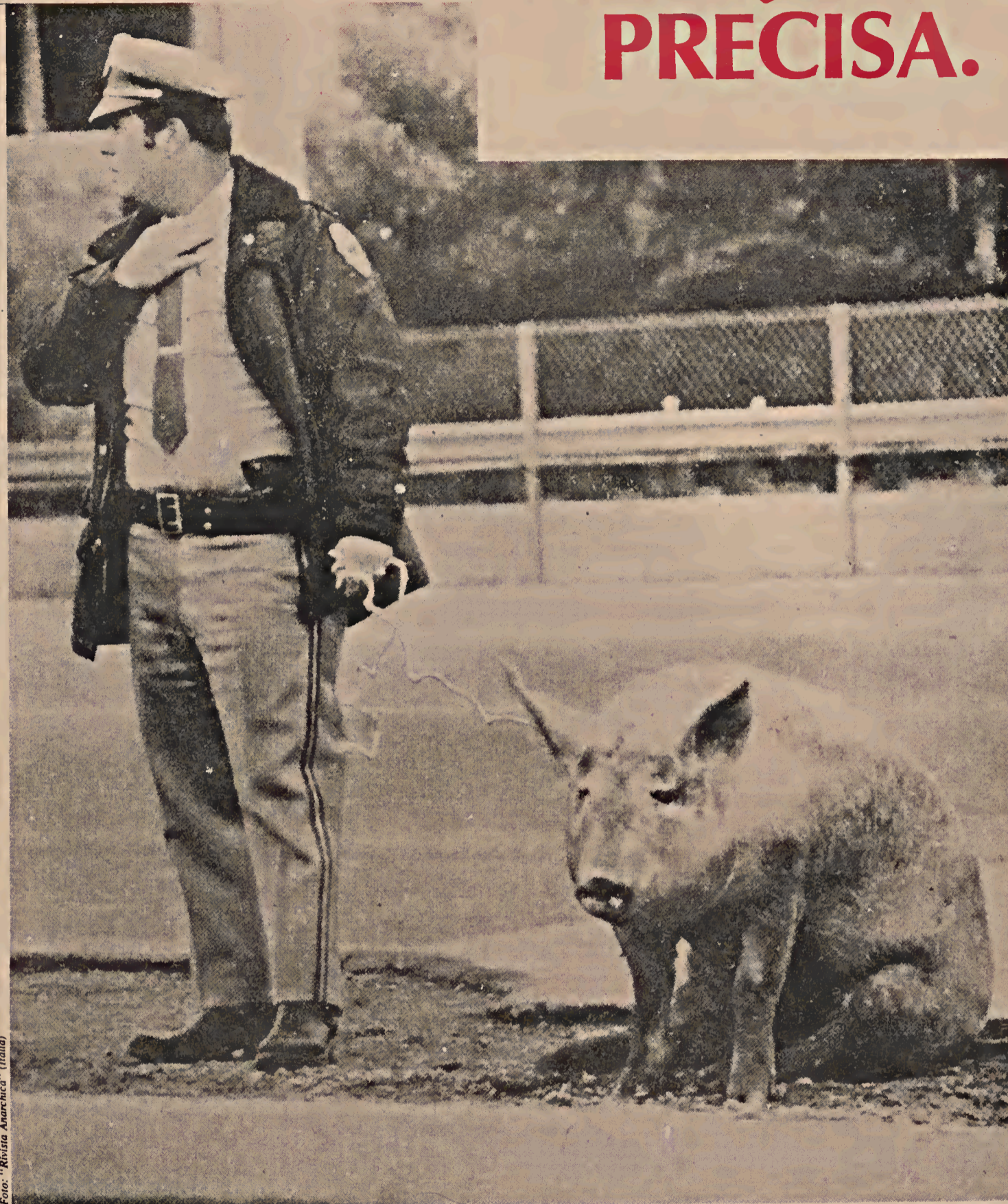


Foto: "Rivista Anarchica" (Itália)

O INÍMIGO DO REI